

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A crítica

Class.: 139

Data: 13.09.85

Pg.: _____

Pe. Nonato Pinheiro

4408

Frei Fidelis de Alviano

No dia 05 de agosto de 1855 nasceu em Alviano (Itália) o piedoso e benemérito sacerdote capuchinho Frei Fidelis de Alviano, infatigável missionário da Prelazia do Alto Solimões, que deixou no Amazonas uma tradição luminosa de abnegação, renúncia e santidade, uma verdadeiro apóstolo, que dedicou longos anos de sua vida missionária à evangelização dos índios TICUNA.

Tive a alegria de conhecer, muito de perto, esse virtuoso filho de São Francisco, que chegou ao Amazonas em 1926, aos 40 anos de idade. Ingressando na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, opulento e viçoso ramo da Família Franciscana, foi ordenado sacerdote no dia 25 de abril de 1912, juntamente com seu colega frei Antonino de Perúgia, religioso de excelente cultura humanística e meu amigo muito dileto, que se

aprofundou no estudo da língua portuguesa.

Frei Fidelis exerceu um belo apostolado entre os índios TICUNA, tribo numerosa no Solimões e seus tributários, cujo idioma e costumes estudou com muito afinco, tendo escrito um interessante trabalho, produto de suas abundantes pesquisas, obra publicada em separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, gentileza do embaixador Macedo Soares, então seu presidente: "Gramática, dicionário, verbos, frases e vocabulário prático da língua dos Índios Ticunas".

No ano de 1942, realizou-se em São Paulo o IV Congresso Eucarístico Nacional. Frei Fidelis lá esteve e fez uma bela exposição do artesanato indígena da Prelazia do Alto Solimões. Em 1950, promoveu outra exposição na cidade do

Vaticano, como parte integrante da programação do Ano Santo, proclamado pelo inesquecível Papa Pio XII.

Conheci frei Fidelis aqui em Manaus, desde minha meninice, em suas inúmeras passagens por esta cidade, hóspede do Convento dos Padres Capuchinhos. Conheci-o mais de perto na cidade de Benjamim Constant, quando lá fui, em 1948, pregar o Novenário da Padroeira, Nossa Senhora da Conceição, a convite de meu saudoso amigo Monsenhor Wenceslau de Spoleto, prelado do Alto Solimões, falecido santamente em 1952, nesta capital, já prestes a receber a sagração episcopal, quando da realização do nosso II Congresso Eucarístico, realizado com raro brilho por Dom Alberto Gaudêncio Ramos. Instalaram-me num aposento contíguo ao lado dele, circunstância que me deu a oportunidade de penetrar um pouco na beleza

daquela alma santa. Devotíssima da Mãe de Jesus e Nossa, do meu quarto ouvia-o proferir, com muita frequência, estas palavras, saudando a Virgem Maria: "Ave, Ave, Ave! Ave, Maria!"

A bem da verdade, devo dizer que a formação litúrgica de frei Fidelis não era muito profunda. No rito da missa tridentina, que celebrávamos em latim, havia trechos que deviam ser proferidos em voz submissa. Frei Fidelis não fazia essas distinções. Proferia as palavras da consagração em tom alto, sendo, sem o querer, um pioneiro da nova Liturgia, que já não impõe voz submissa na prolação das referidas palavras...

Narro agora, com emoção, a bela e santa morte do benemérito capuchinho, como me foi revelado por um seu irmão de hábito. Ele faleceu no Hospital de Santa Catarina, em São Paulo, o mesmo

hospital em que faleceu nosso inolvidável padre Estélio Dalison. Sentindo ter chegado a hora final de sua existência terrena, pediu com humilde insistência: "Deitem-me no chão: desejo morrer como um verdadeiro filho de São Francisco, despojado de tudo, mesmo de um pobre leito!". Fizeram-lhe a vontade. E com a face enobrecida pela auréola que iluminava os justos, exalou seu último suspiro, voando para o Céu!

Recebe, frei Fidelis, estas linhas de veneração e saudade, escritas por um de seus muitos amigos e admiradores, pela passagem do centenário de seu nascimento! São humildes goivos que depositam em sua sepultura. Sei que os acolherá, levando-os aos pés da Rainha Imaculada, com aquela expressiva jaculatória, com que a saudava na terra: "Ave, Ave, Ave! Ave, Maria!..."